

AVENÇA

A REGENERAÇÃO

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

A Colonização do Brasil

foi a maior empreza do esforço humano até hoje realizada

NÓS temos um legítimo orgulho da vasta obra de colonização que realizámos no Brasil. Mas verdade, verdade, não são muitos os portugueses que conhecem a fundo esse esforço verdadeiramente colossal. Hoje não somos nós os que melhor podemos falar dessa obra mas sim os brasileiros em contacto directo com ela, deparando por toda a parte, nesse País enorme que é quasi um continente, com as muralhas dos fortes que erguemos nas costas e margens dos rios contra a cubija de outros europeus ou que construímos nos confins fronteiriços para delimitar a conquista e assegurar-la contra o nativo insubmisso; e por toda a parte também levantámos a cidade e estabelecemos o comércio e a indústria e na cidade e fora dela o templo de Cristo onde temperámos as almas, criando uma Nação imensa à nossa imagem e semelhança, dando-lhe a língua harmoniosa de Camões, a nossa religião, os nossos costumes, a tenacidade duma raça que soube fixar-se e vencer por toda a parte.

A epopeia portuguesa do século XVI tem na verdade qualquer cousa de maravilhoso e de assombroso. Pense-se simplesmente nisto que nesse século Portugal não dispunha de mais de um milhão e meio de habitantes e ao mesmo tempo que levantava pedra a pedra um Império gigantesco na América do Sul, combatia na Africa, na Asia e na Oceania.

«Cesse tudo que a antiga musa canta
Que outro valor mais alto se levanta.»

Bem sabemos que não fomos só nós que escrevemos a epopeia da colonização americana. A par de nós andaram os espanhóis e mais tarde também os franceses e os ingleses. Mas se compararmos os recursos de cada um destes povos e a parte que lhes coube no esforço empreendido fica ainda uma larga margem de esforço e de heroísmo a mais em nosso favor. São os espanhóis os que mais se aproximam de nós.

Colonizar foi sempre para nós operar uma transfusão de almas como definiu o actual Ministro das Colónias, Dr. Vieira Machado, num discurso que pronunciou ao inaugurar-se um Congresso Colonial. E por assim ser a colonização do Brasil é uma obra colectiva, a obra duma raça. Todos os portugueses que ao Brasil foram se converteram em heróis, todos ou quasi todos conheceram os mistérios da selva e os seus lances dramáticos.

Já dissemos que os brasileiros são hoje os que melhor conhecem essa obra de heroísmo e sacrifício e são eles que melhor a apreciam.

Num artigo publicado na revista «Grifo», do Rio de Janeiro, escreveu há pouco o illustre escritor Eduardo Frieiro um artigo intitulado «Fé e Colonização», onde se lê o seguinte:

«A colonização do Novo Mundo foi sem dúvida empreza mais vasta que já realizou o esforço humano, a epopeia de maior alento vivida pela raça branca, raça de préza, dominadora e civilizadora por vocação e destino. O colonizador ibérico assume na história a figura dum architecto de génio.

«Espanha e Portugal construíram para os séculos, num estilo esplendoroso.»

Como não havemos de orgulhar-nos do que fizemos no Brasil?

J. C.

O Ciclone

O ciclone que se fez sentir em todo o país, na tarde e parte da noite do próximo passado dia quinze de Fevereiro, fez estragos incalculáveis no nosso concelho.

O nosso melhor arvoredo, principalmente o pinhal, foi duramente devastado.

Era a riqueza desta região, que além do rendimento que dava tanto em resinas, como em madeiras, deixa de ocupar muitas centenas de hectares, devendo destacar-se a povoação de resinas.

Foi uma calamidade, cujos efeitos terríveis, devemo-lo, sentir nos primeiros anos.

Além do prejuizo do arvoredo, povoações houve que ficaram com as casas destelhadas e algumas arruinadas, devendo destacar-se a povoação da Abrunheira, da freguesia da Aguda.

As linhas telegráficas e telefónicas ficaram quasi totalmente inutilizadas.

Brigadas de homens andam por toda a parte, trabalhando na sua reparação, mas apesar disso ainda nos encontramos sem meios de comunicação pelo T. e T.

As estradas que ficaram intransitáveis, mercê da boa vontade dos cantoneiros e de alguns particulares, foram quasi imediatamente desimpedidas, não deixando por isso de se fazerem as carreiras de camionetes.

E hoje esse serviço está regularizado, chegando os carros à tabela.

Em face dos prejuizos avultantes, que sobem a alguns milhares de contos, no nosso concelho, a Câmara comunicou com a maior urgência ao Governo, a triste ocorrência a pedir-lhe providências.

O Governo na sua boa vontade de ocorrer a tão grande desastre, vai procurar abrir novos trabalhos em colaboração com as Câmaras Municipais.

Por isso esperamos que dentro de breves semanas o povo, o trabalhador rural, tenha ocupação, tenha onde trabalhar.

Dr. Simões Barreiros

Foi a Lisboa, na corrente semana, o nosso director sr. dr. Simões Barreiros, presidente da Câmara e procurador à Câmara Corporativa.

Nova Incorporação de Recrutadas

A primeira incorporação de recrutadas tem lugar no próximo dia 20 a 23 do corrente.

A segunda é de 17 a 20 de Outubro.

Os novos mancebos têm que requisitar as guias de caminho de ferro na Câmara Municipal.

ANO NOVO... VIDA NOVA!

(Atrasado)

O ano de 1941 apresenta-nos o seu famoso mistério do dia de Ano-Bom; do qual ninguém quer ser o decifrador. Basta porém, baixar os olhos pelo mundo e verificarmos que poderemos, nas suas linhas gerais, dispensar a arte dos quiromantes e astrólogos. Nada de infusões complicadas ou de imersão em signos cabalísticos. Tudo se resume em prosseguir, dentro em pouco, no Janeiro de 1941, o ritmo novo da energia, do trabalho e da criação empreendidos em 1940 quando das Comemorações Centenárias.

Mas mais intensa e enérgicamente. Se em 1940 tivemos pão devido à serenidade dos governantes, à sua dignidade de portugueses e à sua previsão de estadistas, agora, ao entreabrir-se numa nova década, é preciso que se consolidem os alicerces das instituições fundamentais. Para tal é, mais do que nunca, necessário o esforço das novas multidões, agremiadas pelo Estado Novo. Este, vigilante sempre, descobriu, célere, na instituição da organização corporativa, o melhor meio de peneirar a geração jovem abandonada de contrário a si própria e incapaz de governar-se. A década nova é, portanto, profundamente revolucionária por representar a distribuição de novas armas aos portugueses: — as armas do corporativismo, feito de ordem, compostura, esforço total, ao contrário de todos os outros resquícios do passado, calcinados já na fogueira de paixões extintas.

Nós, aqui, em Portugal, terra de Portugueses descobridores e aventureiros de boas aventuras, não queremos o fratricídio das classes; nem a desordem dos partidos; nem tampouco, a indisciplina dos governantes e governados. Queremos, fundamentalmente, a paz; e, tradicionalmente, nacionalmente, a Fundação, da qual comemorámos agora o oitavo aniversário.

Dr. Mário de Vasconcelos Processo de obter boa água de beber

Passou ontem, mais um aniversário da sua posse de Governador Civil de Leiria, o sr. dr. Mário de Vasconcelos

O sr. Governador Civil, que há cinco anos está à frente do nosso distrito, tem gerido a política e os interesses do distrito, com invulgar qualidades de acção metódica, sem precipitação, nem atropêlos, com inteligência clara e com um senso próprio dos homens de bem e de caracter.

Homem com uma cultura fora da vulgaridade, tem resolvido os problemas gerais e particulares do distrito, de forma que bem merece a nossa melhor estima e consideração.

«A Regeneração» apresenta ao illustre Governador Civil os seus melhores cumprimentos e o bom desejo da sua continuação por muitos anos à frente do nosso distrito.

A chuva

Depois do temporal, tem caído uma chuva continua que muito nos está prejudicando sobretudo, no respeitante aos trabalhos agrícolas.

Descreve-se um novo processo de obter boa água de beber. Como todos sabem, a água que se deixa estar por longo tempo num depósito estraga-se com facilidade, não podendo servir para beber. O conhecido bacteriologista alemão prof. Dr. Gruse descobriu recentemente um meio de remediar este mal. Trata-se de um soluto coloidal de cumarina e prata, que não é venenoso, não tem cheiro algum e sendo neutral não ataca nem o ferro nem qualquer outro metal. Bastam 10 centímetros cúbicos deste soluto para 100 litros de água. A água de beber pode então ficar muitos dias em depósitos abertos ou muitos meses em recipientes fechados, conservando-se completamente fresca. É vulgar nos grandes depósitos a água tornar-se lodosa, a ponto de não se poderem utilizar as bombas e outros engenhos para tirar. E que se formaram algas e schizomicetos que intepem as bombas e provocam outros desarranjos. Também aqui basta o emprêgo do soluto mencionado para remediar o mal.

Ai Vem a Primavera!

CASAMENTO

A última e a decorrente estação foram e estão sendo duma extensão e rigores extremos.

Subjectivamente, o espirito toma rumos diferentes, segundo seu estado de evolução, a caminho do aperfeiçoamento.

A crôsta, superfície terráquea e sua atmosfera, continua agitada, por vezes revolta, de meteoros contemplativos a distância...

O mundo — Terra — movendo-se no espaço, isócronamente o seu trajecto percorre, sem atender a seus elementos superficiais, para êle de pequena importância.

E' a vida do globo, a vida dos astros, a vida dos elementos, a vida da matéria impregnada de espirito superior...

A estação presente vai além de mais.

Ai vem a primavera!

A limpa e desinfecção do arvoredo está sendo praticado desde Dezembro, de norte a sul do País.

As árvores ornamentais nas alamedas, jardins e parques, como nas avenidas citadinas, nas vilas, povoações menores e estradas continentais, mereceram e merecem aos sivilcultores um maior cuidado, na escolha, no lugar e no tempo.

Os campos fartos de água, amaciados pelos gêlos e neves, mais tratáveis, vão sendo preparados para receberem a semente adequada e prometedora.

A terra, a terra-mãe, a mãe dos povos, vai pagar capital e juro na próxima colheita, se elementos estranhos a não impedirem.

Com produtos paga os zelos; com a fartura, pujança e beleza compensa os suores e arrelias, os cuidados e os esforços.

A terra é grata! A terra é boal A mãe dos povos não podia abandonar-las.

A nossa, a terra portuguesa, vai produzir para os seus — os portugueses — e para os outros — os estranhos, que tantos são.

A cultura intensifica-se, prometedora, compensadora.

Os povos naturais ou estranhos, que dela não podem prescindir, olham-na já com affecto, carinho, amor.

E' ela que sustenta o individuo, a familia, a Pátria, a Humanidade. E' ela que mantém as fábricas, as indústrias, o comércio, os exercitos...

A terra é a mãe dos povos!

A agricultura, a arte de cultivar a terra, é uma função altamente social, utilitária, nobre.

Em Coimbra a plantação de novas árvores este ano foi mais cedo, mais a tempo. Os seus efeitos ver-se-ão em larga escala, principalmente nas novas avenidas — ao longo, paralelas e prependiculars a Cumeada — numa assemetria um pouco ocasional.

A seiva ascendente, e descendente começou já a sua acção. Os botões e ramos intumescem.

No Jardim Botânico, em sítios mais abrigados e soalheiros, as ro-

No dia 19 do próximo passado mês de Fevereiro, na Igreja de S. José, do Calhabé, em Coimbra, sendo officiante S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. António Antunes, Bispo-Conde, realizou-se o casamento da ex.ma sr.a D. Maria Manuel Marques da Cruz Almeida, filha da ex.ma sr.a D. Maria José Marques da Cruz Almeida e do sr. Ventura Baptista, já falecido, daquela cidade, com o ex.mo sr. dr. Miguel Mário Pupo Correia, distinto chefe da Secretaria Judicial desta comarca de Figueiró dos Vinhos, filho da ex.ma sr.a D. Alda Anacoreta Correia e do sr. Capitão Miguel Pupo Correia.

Foram padrinhos por parte da noiva, a sua mãe e seu irmão o sr. José Marques da Cruz Almeida e por parte do noivo, seus pais.

Após o acto, os noivos vieram para Figueiró dos Vinhos.

«A Regeneração», apresenta as suas felicitações aos noivos, desejando-lhes ao mesmo tempo uma feliz lua de mel e um futuro cheio de todas as prosperidades.

seiras têm rebentos, já de centímetros.

No Algarve, as amendoeiras estão em flor; no Vale do Douro vão em breve florir.

Do Algarve ao Minho, do litoral ao interior, até à fronteira leste; da terra quente do vale, suave da planície, à encosta do outeiro, da serra e da montanha vai reviver a actividade do homem, a vegetação própria de cada zona climatérica, por gradações.

Ai vem a primavera!

Só em Maio, às vezes nos fins, chegará a Estrela, animada, orlando e dando vida a seus pincares.

As andorinhas entram, regressando a Portugal. Já se encontram em Pomarão.

As cevadas, os centeios, os trigos (excepto os tremeses) reverdecem e tomam alento.

Daqui a pouco as urzes, os tojos as carvalhiças e outras rasteiras plantas enfeitaram os campos e melhor alimentarão os gados.

A batata, aclimatada, vai plantar-se; o milho vai semear-se em quantidade. O feijão ficará de permêio e em canteiros, como outras plantas hortenses.

A riqueza agrícola, a fartura e alegria dos povos, por entre festões de verdura e gorgeio das avezinhas remocadas, vai brotar da terra portuguesa. E as pessoas, os rurais que as trataram, todos, em acção de graças, elevarão suas preces glorificando o próprio esforço, em louvor intenso, intrínseco e justo à Natureza.

Já a terra espera tratamento adequado e oportuno! Aguarda a semente apetecida e precisa, em bom estado.

Os frios diminuiram. As chuvas vão rareando; os ventos amainando.

Os dias aumentaram, fornecendo-nos um sol mais longo e acariciador.

Os campos vão vestir-se de galas. Os basidiótes apresentar-se-ão de côres variegadas, luxuosas.

Oxalá o homem auxiliando a acção benéfica da Natureza por vezes cega-lhe o emprestado esforço, com os necessários instrumentos de trabalho, correctivos adubações. E assim, de rumo cego, desvia-la à seu proveito — o proveito de todos nós.

Agricultor, mãos a obra! A cada não desista, a cada não desista, a cada não desista.

A terra, a mãe dos povos, está sedenta de trato e de semente.

Correspondências

Castanheira de Pêra 12-2-941

Foi registado neste concelho e arredores, um ciclone durante todo o dia, como nunca aqui houve.

Felizmente não há a registar vítimas pessoais, sendo no entanto os prejuizos incalculáveis.

Contam-se para cima de 100000 (cem mil) os pinheiros que foram derrubados com a força do vento, não contando com as oliveiras, e toda a qualidade de árvores.

Em quasi tôdas as casas de habitação, os telhados foram descobertos.

As estradas encontram-se intransitáveis, tendo as rêdes telefônicas e electrica sido inutilizadas.

Fonte da Corte — Vilas de Pedro

Parece que tão depressa não vimos realizar um melhoramento, de que há grande necessidade e tem sido bastante desejado com o maior interesse.

Trata-se dum melhoramento numa humilde povoação de nome Fonte da Corte, situada num pequeno outeiro, à margem esquerda da torrencial e serpenteada ribeira, ao sul de Vilas de Pedro, freguesia de Campêlo, concelho de Figueiró dos Vinhos. Esta povoação, que tem sido bastante contribuinte encontra-se no esquecimento da lista dos melhoramentos.

1.º trata-se de que esta povoação só tinha um caminho de cabras, que a ligava ao Ramal da Estrada Nacional n.º 54, depois pelo ano de 1926 juntou-se a povoação e fez uma fraca estrada de carro.

2.º trata-se de que sobre a ribeira onde esta estrada passa, necessita-se de uma ponte sobre a qual não só passará o povo desta povoação, como também os de Campêlo, Fontão, Aldeia Fundeira, Casal e outros; uns para as carreiras, outros para Vila Facaia, Pedrógão etc. e que essas pessoas, por falta de ponte, têm que pedir auxilios à povoação, para se porem um paus a atravessar a água para assim passarem e muitas vezes na estação do inverno é preciso estes habitantes auxiliarem os passageiros com luzes, para estes poderem passar por cima de alguns acúdes.

3.º trata-se de que estes habitantes bebem água cada um das suas propriedades em chafurdos por não terem uma fonte pública. O maior empenho destes povos é que estes três melhoramentos sejam realizados, principalmente a ponte por quem de direito que assim seja.

Forneci-lhos, próprios, adequados e próprios de galas! Auxiliai-a em seus ornatos, transformando-os, em dupla, triplicamente utilitários. Haja animo, alegria e felicidade. Ai vem a primavera!

Manuel Domingos Godinho

AGUA MOLE

A Guerra culpa de homens

De uma das vezes que Antigono andava em guerra, um sofista pretendeu apresentar-lhe um tratado de Paz em que se abusava muito da palavra Justiça. O rei apotrofoou o importuno dizendo-lhe se não seria loucura falar em justiça no momento em que ele, rei, estava apropriando-se do que não era seu.

Quem isto nos conta é Delacroix no seu curioso e instrutivo Dicionário Histórico de Educação, e mais uma vez nos evoca o horror que é a guerra, a qual, se outros fossem os sentimentos dos homens, de há muito já teria desaparecido por completo da face da terra.

E' certo que George Sand nos apresenta algures este raciocinio: Porque o sol funde a neve, o frio fende o mármore, a andorinha come o verme, a aguia devora a lebre e as ondas submergem o navio, os homens não podem furtar-se a guerrear uns com os outros, e por consequencia à sociedade humana impossível lhe é deixar de ser o perpetuo conflito que sempre foi.

Ninguém está isento de errar, nem mesmo os esclarecidos espiritos que, às vezes, sendo tão fácil ver claro, se diria sentirem prazer em ver mal e em dizer, portanto, asneira!

Porque a aguia come a lebre e o gato papa o rato, o homem há de matar o seu semelhante no campo de batalha? Então cumpra o homem a lei natural, dê inteira satisfação a Proudhin, e depois de matar o sobredito semelhante, coma-o também! Mas não. Nem come, nem se Deus quizer, há-de levar toda a vida a matá-lo.

Alguem (os pacifistas), se interessa por modificar o critério geralmente seguido em semelhante particular, e se não fora a má fé, a ira, e outros peccadilhos de muitos homens parciais que tomaram a peito contrariar a obra desses demolidores de edifício à medida que vai sendo erguido, as cousas estariam muito melhores do que estão hoje do que teem estado.

A reeleição do Chefe do Estado

No dia 17 passou o aniversário da reeleição do sr. general Carmona para o Chefe do Estado.

Rendeu Portugal em 17 de Fevereiro de 1926 inteira justiça a quem já durante setenta e seis annos serviu com superior inteligência e dedicação. Mas o segundo período do exercicio do seu alto cargo em nada é inferior ao primeiro. Pelo contrario, durante este novo e grandes factos se fizeram, que todos os portugueses dizem pensar ao Chefe do Estado.

A sua alta magistratura, regida por excelsas virtudes pessoais, familiares e patrióticas, assinala uma época excepção, naturalmente notável de disciplina e trabalho. Honrando-a, honra-se também com ella Portugal. E, pois, de registar, com Lisboa regozijo, este anniversario-aniversario, e uma victória da Revolução Nacional.

Manuel Domingos Godinho

Em face do ciclone que assolou o País

Ao ciclone terrível que assolou o país, derrubando árvores, destelhando casas, provocando inundações e naufrágios, destruindo culturas, interrompendo communicações e causando prejuizos que ainda se não podem avaliar senão aproximadamente, mas que ascendem a muitos e muitos milhares de contos, respondeu immediatamente a energia do Governô, que logo tomou as providências que as circunstâncias aconselhavam.

Cortadas as communicações telefônicas e telegráficas, atravancadas de destroços as estradas e as linhas férreas, foi pela telefonia sem fios que o Ministro das Obras Públicas se informou das consequências do ciclone em diversas regiões do país e foi ainda pela telefonia sem fios que deu as suas ordens, rápidas, terminantes, para que se acudisse sem demora ao que necessitava mais urgentemente de socorro.

E' de destacar também que se o Governô correspondeu enérgicamente à gravidade dos desastres provocados pela violência do ciclone, tôdas as corporações souberam corresponder ao que o Governô e a Nação delas esperavam: as Policias, os bombeiros, a Guarda Nacional Republicana, a Guarda Fiscal — todos cumpriram com bravura e abnegação, auxiliados, em muitos lugares, por forças ou elementos isolados do Exército, da Marinha e da L. gião.

Inspeção de Finanças

A inspeccionaria Republicana de Finanças do concelho encontra-se o sr. Sub-inspector Augusto de França Sobreiro e o adjunto sr. Joaquim José Carrilho.

António Amaro

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. António Amaro, distinto promotor e apresentador, actualmente residente em Lisboa, e possor bom amigo.

Balões de Carnaval

O carnaval este ano, nas ruas passou despercebido, todavia reappareceram os balões nas casas do bairro dançando-se até altas horas da madrugada. Ainda bem, tristezis não pagam dividas!

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Carlos David Paiva, Beira
Dr. Marcolino da Silva, Cas-
Aristarco Mendes, Pinheiro
Joaquim Maria Canelhas,
Jarda
Victorino Cayralho, Lagoa
António da Silva Agria, S.
Paulo, assinatura paga pela sr.ª
Maria de S. José Correia
Augusto Gomes da Costa,
Manuel Gomes da Costa,
Lisboa
Manuel Pires, America da

ANUNCIO

Comarca de Figueiró dos Vinhos

1.ª publicação

Faz-se saber que por este juízo e sua primeira secção correm editos de vinte dias...

O Chefe da 1.ª Secção Jaime Ribeiro Sucena

O Juiz de direito Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 527 1 de Março de 1941

Abilio da Conceição Rodrigues Advogado Tel. 40 Castanheira de Pêra

Compro

Cêpa para carvão, lenha de carvalho e sobreira. Pinheiros e eucaliptos para madeira. — F. R. Ferreira Figueiró dos Vinhos

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES DOENÇAS DA BOCA E DENTES - DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Norte, assinatura paga pelo sr. Anibal Herdade

Joaquim Soares de Lemos, S. Paulo; assinatura paga pelo sr. Anibal Herdade

Joaquim Quaresma Ferreira, Vila Pery

Manuel Lopes de Faria, Lourenço Marques

José da Silva Júnior, Beira

Artur Quaresma Nunes, Af. Oriental

António Antunes Serra, Af. Oriental

José Simões — 1.º Cabo Telegrafista, Lisboa.

Serafim Lopes da Silva, Santos — Brasil

Agência de passagens e passaportes António Rodrigues Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa. Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes.

CAMISAS LIMPOPE MARCA REGISTRADA A única camisa com colarinho indeformável. A venda no Estabelecimento de Gustavo Coelho Godet. Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes Medico Municipal Clínica geral Doenças das crianças Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira Médico da Casa do Povo Doenças de Pulmões — Partos Clínica Geral — Consultório e residência: — Praça José Malhõa.

João Leal da Silva Tendeiro Medico Veterinario Municipal Clínica Geral Operações e Vacinações Figueiró dos Vinhos

PEDRA Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquadras, portas e janelas. Jerónimo R. Pinhão

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa SEDE — LISBOA Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto. Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Jússes António da Conceição Pombal — Telefone n.º 7 Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção Artigos sanitários — Tubos de ferro grês e de fibro-cimento. Agente-depositário de: Cimento LIZ — Produtos LUZALI. TE — CERAMICA DE LAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-18 Os melhores preços - Madeira de castanho para construções, parreiras e latadas. Abilio David dos Reis e sua mãe D. Albertina Quaresma David.

AVAUÇA VENDAS A DINHEIRO Precos Fixos A Casa do GUSTAVO apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em copos da China para vestidos, lisos, estampados e lavrados, e o drêpe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Carreira de Camionetes Castanheira de Pêra e Lisboa BARREIROS & PINAZ Garage AUTO-LYZ Rua da Palma — Lisboa

EMPRESA DE CAMIONAGEM A. J. ALVES & CA Maças de D. Maria HORARIO DAS SUAS CARREIRAS Pontão — Pombal às Terças, Quintas e Domingos

AGUA VAI

Cadeia humana

MOSAICO IMAGENS

A mensagem de Rilke

Desta vez é—

Assistência pública.

Não há povo algum fraco quando os homens que o constituem gosem boa saúde. Já os de antanho diziam que *«Salus populi suprema lex»*.

Um povo sem saúde é um povo de imbecis, porque a doença tem a terrível qualidade de imbecilizar. Daqui se infere com facilidade que os dirigentes de um país devem ter sempre na sua frente a solução deste magno problema, bastante difícil de resolver, como deve ser, visto que a doença não produz e para curá-la, às vezes, gasta-se o que há e o que não há. O que há para os que têm; e o que não há para os pobres. É claro. Entre nós o problema da doença dos pobres tem sido quasi exclusivamente entregue às Misericórdias.

As pobres Misericórdias... verdadeiro produto de almas abençoadas cujos recursos, na sua maior parte, não chegam para nada. Por cima da deficiência dos recursos ainda o cunho da esmola; o ferrete da esmola! Anda um pobre a trabalhar toda a sua vida, criou um rebanho de filhos, com os quais gastou todos os seus esforços na melhor época da sua vida, torna-se inválido, depois de ter sido um homem prestante à sociedade, e por fim morre à custa da caridade, estendendo o corpo com as mãos mirradas, a quem lhe der esmola!

Dá certo? Pelo amor de Deus.

Porque não ha-de ser antes pela assistência pública, legalmente organizada?

A escola não é uma assistência pública? O exército não é uma assistência pública? Os caminhos não são assistência pública?

Então porque não há-de ser assistência pública o tratamento das doenças dos pobresinhos?

De certo há quem me retorque, afirmando que no dia em que tivessemos assistência pública não faltaria quem se tornasse proposadamente desleixado, confiante em que na doença lhe não faltaria nada. E perante a nossa má educação cívica em verdade isso aconteceria.

Mas o remédio era fácil:

Tudo aquele que tivesse levado a vida sem ser útil a si e à sociedade, todo aquele que tivesse tido vida de mandrião excluí-lo da assistência. Ninguém tem que penalizar-se de que tenha mau fim aquele que teve uma vida anti-social. Quem não é pela sociedade é contra a sociedade e quem é contra a sociedade não tem o direito de viver dela.

A propósito da assistência. Apareceu agora um caso de assistência às crianças vítimas da guerra, de certo as do estrangeiro, porque nós, graças a Deus, não estamos em guerra e é de presumir que não iremos para ela em face da boa orientação dos nossos governantes.

Mas dada a hipótese de a desgraça nos envolver também? O que fazer depois a essas crianças? Será a caridade cristã que cai bem em todos os corações que tomará conta delas?

A caridade entre nós, ainda através da assistência pública, a favor dos doentes pobres, não será ainda bem aquilo que devia ser.

Bem-vinda seja então a assistência a favor das crianças, mesmo que sejam estrangeiras.

*Irmão, toma o meu braço
e vamos fortemente unidos
por este novo laço
viver momentos não vividos.
Iremos de olhos abertos
e mãos estendidas
cobrir corpos descobertos
e erguer vontades vencidas
E se as palavras tombarem
repassadas de dôr
no silêncio a gritarem
em vez de ódio, o amor,
irmão, venha a confiança
teu rosto iluminar!*

João Carlos

Amanhã vem no jornal...

Conto

O nivo trágico da sirène fez parar os raros transeuntes que arrastavam o corpo vencido por um dia de trabalho ou de inércia forçada, através das ruas da cidade.

— E' fôgo!

— Não... Deve ser desastre.

A automaca desapareceu na bruma, para só estar diante do hospital. Trazia dentro dela o personagem dum drama recente. O homem que os enfermeiros transportavam na maca, sem um movimento, sem um único sinal de vida e com um fio rubro na testa, ainda há pouco era como todos; falava, mexia-se, pensava, sofria...

Ainda há pouco cravava as mãos manchadas de óleo no volante negro da «camionete», acomodando o corpo magro no assento de madeira.

E o carro pegava óptimamente. Nas suas mãos a «camionete» chegava sempre primeiro do que as outras. Tinha de chegar. «Cincoenta paus a quem chegar primeiro...». Não era para desprezar. Ainda que não fosse muito comparado com os lucros que davam os primeiros caixotes de sardinha.

Febrilmento, ia vendo os marcos quilométricos. «35, 34, 35...» Já falta pouco. O «prego» ao fundo. Uma curva. O carro a ganir, na derrapagem. Outra recta. Mais força. E' sempre estrada. «32, 31, 30...». Os caixotes atrás pingam água do mar na estrada. O cheiro acre a sardinha que penetrava subtilmente na cabine, mais lhe fazia lembrar que era preciso chegar em primeiro lugar. Lá estavam as varinas à espera com os miúdos agarrados às saias...

Mais gás. Mais velocidade. 50, 60, 70, à hora... Até a carroçaria chiava. Mais adiante a curva da morte. Mas ainda é recta. «Prego» ao fundo, 29, 28...». A curva... Mesmo ao entrar nela lembrou-se de todos os desastres que ali tinha havido. Num minuto, num segundo lembrou aquilo tudo: «Três pessoas mortas num desastre de automóvel, quando regressavam dum passeio; um motociclista que se esbandalhou contra um pinheiro. Deixou viúva e dois filhos. Ele também tinha filhos. Três filhos. E mulher.

Nada de abrandar. 65 à hora. Sente medo. Baixa num relance os olhos para a imagem de folha de santo protector». Valha-me S. Cristovão!... Um carro em sentido contrário cega-o com a luz forte dos faróis. Um desvio brusco do volante. Nunca a estrada foi tão estreita... A «camionete» embate contra uma arvore. Alguns caixotes saltam com o choque e as sardinhas espalham-se na estrada. Bateu com a cabeça no para-brisas. Um fôsito de sangue ensopou-lhe os cabelos e mancha-lhe a fronte.

Esteve assim horas. Depois um carro passou. E a automaca levou-o para o hospital, perturbando o silencio da noite calmosa de verão de S. Martinho.

Mas nem valia a pena tê-lo trazido para o hospital. Podia ter sido logo para a morgue. Desde o choque que estava morto. O médico tomou-lhe o pulso e afastando-lhe os cabelos molhados de sangue, diagnosticou: — Fractura de crâneo. Morte instantânea.

Um enfermeiro rezou-lhe a primeira oração fúnebre: — Ainda cheira a sardinha, o desgraçado... Lá fora juntaram-se alguns curiosos. Todos queriam saber o que acontecera. Corriam várias versões. Que uma «camionete» de passageiros fora apinhada numa passagem de nível e que tinha morrido um «ror» de gente... Que tinha sido um choque de automóveis... Um mais audacioso dirigiu-se ao polícia que barrava a entrada e interrogou:

— Dizem que foi um grande desastre, senhor guarda...

— Não... Não... Amanhã vem no jornal...

Saúl Fernandes

Condenamos certas maneira de viver, certas relações sociais e temos uma ética própria, especialmente no que se refere à constituição do lar, às relações entre a família: mulher, filhos, etc. No entanto, muitos de nós continuamos a levar a vida que condenamos. Sofremos com isso e, mau grado nosso, sentimos bem que, *individualmente*, nenhum de nós se abalança a fazer a modificação desejada. E' que, se tal fizéssemos, não era uma modificação que se fazia—era um suicídio!

Qualquer passo a dar, tanto neste campo como em qualquer outro, só será construtivo e de resultados práticos se se der colectivamente

O tempo do romantismo, das acções «heroicas», *individuais*, já lá vai. Mas há ainda quem tenha horror aos grandes movimentos de massas os quais, no dizer desses patuscos, são cegos e indisciplinados. Para eles, uma «élite» basta para levar a cabo certos empreendimentos. O resto, a massa anónima, limitar-se-á a aceitar o facto consumado. Para defesa da sua tese citam o exemplo da Revolução de 1640. Não se lembram que, sem o apoio do Povo a Revolução não teria vingado, e que foi nas massas populares que os conjurados se apoiaram contra as reacções posteriores.

Nós também desejamos uma «élite», mas uma «élite» consciente do seu papel histórico, que se dedique à preparação das massas que os outros desprezam e ausculte os seus anseios, para que amanhã essas massas estejam tão preparadas, tão conscientes e tão aptas como essa mesma «élite» para uma acção construtiva. E como prova de que é este o caminho a seguir, temos o exemplo do admirável povo chinês que há mais de três anos se bate valorosamente contra o imperialismo nipónico, auxiliado (o imperialismo nipónico) pela «Grande Democracia» norte-americana. E' certo que a «Grande Democracia» também tem auxiliado o governo de Chiang-Kai-Chek, mas tudo isso é negócio—é outra história que serve para meter macaquinhos em certos espiritos simplistas... Então não me dizia há tempos certo amigo que os chineses eram uns trouxas em combater, que estavam a fazer a defeza do capitalismo norte-americano?...

Não vê este amigo que os chineses não têm outro remédio (até um dia!) senão ir tolerando os negócios dos «Grandes Democratas»... como tem que tolerar certos dos seus dirigentes actuais. Mas descança que o povo chinês sabe o que quere e para onde vai, e não tardará que chegue o ajuste de contas final. As hordas do Império do Sol Nascente já estão em debandada e não vem longe o dia em que o invasor será escorraçado totalmente do solo chinês. Depois—será a limpeza do inimigo interno.

O duelo Wilkie-Roosevelt meteu pouco entusiasmo. As agências bem se esforçaram por meter algum calor no «match» e os jornais auxiliaram relatando todos os pormenores encimados por grandes títulos, mas a coisa não pegou, o entusiasmo não veio. E' que ao homem da rua tanto interessa Wilkie como Roosevelt... Um e outro tinham no seu programa a intensificação dos preparativos de defesa dos Estados Unidos, que o mesmo é dizer que ambos queream levar o povo norte-americano para a fogueira que está consumindo o Mundo.

Os governantes queream a guerra, os governados queream a paz—lá a falta de entusiasmo...

Amigo: a tua política falhou, é necessário confessá-lo. Mas tu não o confessas e, perante o nosso entusiasmo, a nossa confiança no futuro, tens um curioso céptico e dizes: «Será assim, esperemos...»

Mas, infelizmente, não és só tu. Outros há que se deixaram embalar pelo canto adormecedor, utópico do «Sennacismo» de Lanti. E o veneno foi de tal ordem que vocês não conseguem encontrar forças para reagir. Perante a realidade transparente que nos cerca, perante o nosso optimismo saudável e vivificante vós continuais cegos e numa inércia que bem se pode classificar de criminosa.

Erraste no caminho, amigo, porque não segues outro?

Reinaldo Baptista Gusmão

Rainer Maria Rilke, poeta verdadeiro, criador de poesia que dificilmente suporta definições, alemão de nascimento e europeu de espírito, assume grandeza e significado na hora que vivemos.

Poeta religioso, artista místico e místico artista inconfundível, mais do que qualquer outro poeta alemão contemporâneo, Rilke pode ser evocado como criador de divino e de humano.

Deus é seu vizinho. Ao seu vizinho paráltico ou músico, professor ou simples mulher do povo (e sobretudo às crianças) conta históricas do «bom Deus». Deus está em toda a parte. Em tudo nós sentimos a sua bondosa presença.

Penetramos com êae no interior das rosas, nas almas humanas, no barro das estátuas.

Aí, os nossos corações sossegam e as nossas almas ficam menos receosas.

Rilke preza a moléstia e o silêncio numa época em que imperam a máquina e o número.

Na mesma época ainda falamos de «montanhas de dôr»...

Robert Pitron, professor da Faculdade de Letras de Bordéus (1938), termina com as seguintes palavras um estudo sobre a obra de Rainer Maria Rilke:

«Son mysticisme répond trop bien à l'inquietude religieuse de l'homme moderne, et dans une note jamais entendue: assez voisine du christianisme pour ne pas effaroucher les chrétiens, assez loïn de lui pour attirer l'agnosticien. Il enchante tous ces *Gottsucher*, ces âmes en quête de Dieu qui pullelent dans le monde présent. Il enchante aussi — non moindré cause de son succès—les femmes. En toute déférence et dévotion, il les exalte, et en elles surtout la Douceur, la Poésie, le sûr Instinct, la Pureté, l'Abandon... Eurydice! Et par là, il ne plait pas moins aux hommes...»

Cet idéal de modéstie, de délicatesse, d'effort constant pour accroître sa personnalité et s'enoblir soi même, qu'est-ce autre chose que la véritable Poésie? Rainer Maria Rilke est de ceux qui nous empêcheront de sombrer...

... Mensagem, portanto, de um verdadeiro poeta. De um poeta invulgar na Vida e na Morte: o «silêncio» tornou-se «voz acordada»; as rosas recolheram-no no seio perfumado...

Manuel Diniz Herdade

Sementes para a lavoura

Em face das inundações que atingiram tão fortemente a lavoura ribatejana, o Estado resolveu prontamente socorrer a região e por todos os meios de que dispunha. Referiu-se já a imprensa à comparticipação do Ministério das Obras Públicas e Comunicações no sentido de ser atenuada a crise dos trabalhadores rurais e agora é o Ministério da Economia que vem em auxílio dos lavradores das margens do Tejo.

O Ministro, sr dr. Rafael Duque, em face dos pedidos daqueles que viram as suas colheitas inutilizadas, resolveu que o Estado empreste a semente para a segunda sementeira no Ribatejo e prometeu estudar as alterações necessárias a fazer sobre novo crédito e subsidio de cultura.

João de Cima